

A Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

DIRECTOR,
JOÃO DE SOUSA *SECRETARIO DA REDACÇÃO,
FRANCISCO GUIMARÃES *ADMINISTRADOR,
JOSÉ CARVALHO

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Portugal, um anno 600 rs.—Semestre 300 rs.
Brasil (moeda forte) 1.200 »

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA BARJONA DE FREITAS, 38-2.º

Officina de impressão: Typ. «Minerva»—Famalicão

Anuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir
qualquer individualidade

EDITOR, FERNANDO MONTEIRO

PELAS VICTIMAS DO "AQUIDABAN" --- MANIFESTAÇÕES EM BARCELLOS

As nossas condolencias

Relembrar antigas grandezas e citar o nosso extinto poderio é superfluo. Animamos um sentimento de revolta ao recordar os factos mais grandiosos da nossa heroica epopeia maritima, riqueza immensa, epopeia gloriosissima que a incuria criminosa a pouco e pouco foi extinguindo e dissipando. Temos as lagrimas nos olhos ao lêr, agora, o reinado mais venturoso que a monarchia nos tem dado.

Em 1500, no reinado de D. Manuel I, descobriu-se a grande republica sul-americana, hoje uma das nações mais florescentes do mundo, berço de poetas illustres e, ha pouco, theatro da tragedia dolorosa que agora nos faz commover a alma. Ennobrecida por factos immorredoiros, paiz preferido pelos milhões d'emigrantes que procuram a consummação da sua actividade nos centros mais commerciaes do Universo, o Brasil prosperou, enriqueceu, mobilizou o seu exercito, augmentou a sua marinha, notabilizou a sua historia.

Desde 1889, data da proclamação da republica, a nação nossa irmã tornou-se um paiz modelo e exemplar quer nas medidas economicas, quer em leis sensatas e progressivas, que a collocaram a par das mais bem governadas e poderosas nações existentes. De uma colonia sem agricultura, sem vida, quasi sem elementos que a fizessem prosperar se fez um centro nobre, quer intellectual, quer commercial, attesta-o claramente a situação invejavel em que hoje se encontra.

Paiz de ouro, mas com um clima pessimo, repleto de energias viris, dependente de uma nação decabida, o Brasil conseguiu attrahir a attenção de todo o mundo pela sua bellissima attitude perante todos os acontecimentos internacionaes.

Unidos por um sentimento intimo de gratidão, quasi por afinidade de ideias, irmãos por os laços que nos unem, nós sentimos as suas dores, as suas máguas como se fossem nossas, como se ferissem o nosso proprio coração.

E' com infinita tristeza que celebramos esta data, é com immensa amargura que lamentamos a catastrophe occorrida. Assim, satisfazendo os votos da nossa alma, vimos, tambem, associar-nos á manifestação de pesar que nos tortura a todos nós—portuguezes e brasileiros. Depois de um acontecimento doloroso, damos expansão á nossa tristeza, mas a saudade intraduzivel, a manifestação que não podemos descrever, conservamos-a occulta no fundo do coração, onde só se escondem as dores inconcebiveis que sentimos por um irmão. Modestos na posição social, mas grandes no que ha de mais nobre e puro, sinceramente lamentamos o desgosto dos nossos vizinhos de além-mar, dos nossos amigos desinteressados e valiosos. Chorando lagrimas amargas pelo funesto acontecimento, o nosso jornal sae hoje de luto: luto de fraternal estima, de comprehensivel pesar. Falta-nos energia para continuar a descripção da nossa grande pena: vá, embora, este escripto despido de graça e de estylo, mas cheio de sinceridade e de afeição.

Manifestações em Barcellos

Barcellos, que no Brasil tem patricios distinctos, não podia calar a sua dôr diante do horrivel desastre que aniquilou o melhor barco de guerra brasileiro e que despedaçou dezenas de vidas. Esta terra é nobre e tem nos seus habitantes quem com-

prehenda deveres civicos e quem interprete as dôres e afflicções alheias.

Mas a dôr do povo brasileiro não é para nós uma dor alheia, nem os nossos corações podem ser indifferentes diante d'ella.

O Brasil é nosso irmão. O Brasil é um pedaço do nosso coração, é metade do nosso sangue, é um grande protector que temos para o nosso commercio agricola. No Brasil nós, barcelloenses, ou temos paes ou mães, ou temos filhos ou parentes que são pedaços da nossa alma.

O Brasil é nosso irmão. E, por isso, a dôr do povo brasileiro é a nossa dôr, o luto d'aquelle povo é o mesmo que passa pelos corações portuguezes.

E' por isso que Barcellos, hoje, manifesta á nação amiga a sua dôr pelo desastre que enlutou a marinha brasileira e que cubriu de crepes a bandeira d'aquelle poderosa nação.

A bahia de Jacuacanga, onde se deu a triste explosão nos paioes do coração *Aquidaban*, ficou juncada de cadaveres. No fundo do mar ficaram dezenas de homens—alguns centos de corações que se arrojariam, amanhã, á mais audaciosa e perigosa empreza, para defender a autonomia do Brasil.

Estes, morreram sob a bandeira da Patria que hoje os chora.

E' nós, os portuguezes, tambem sentimos o coração de luto e tambem nos associamos ao pesar de todos os brasileiros.

E' é no cumprimento d'este dever civicco e patriotico, que Barcellos se manifesta enlutado, n'este dia.

Não é um favor que se faz ao Brasil: é um dever que se cumpre, porque a florescente republica compartilhou, sempre, das nossas dôres e das nossas alegrias, e sempre que

um nosso navio de guerra passa por aguas brasileiras, a colonia portugueza que alli reside recebe com entusiasmo as nossas visitas. Por isso é justo, muito justo, que o povo portuguez se associe á dôr do povo brasileiro.

E *A Fraternidade*, embora seja o mais humilde dos jornaes portuguezes, tambem endereça o seu cartão de condolencias ao Brasil.

A convite de s. ex.ª o sr. José de Beça e Menezes, illustre capitalista barcelloense, reuniram no seu palacete ao largo do Jardim Publico, além de s. ex.ª, os srs. dr. Antonio Martins de Souza Lima, medico; Manoel Ramos de Paula, representante da Associação dos bombeiros; dr. Eduardo Martins da Costa, juiz da Relação do Porto; conselheiro Sá Carneiro, advogado; Domingos Carreira, correspondente do «Seculo» e director da Banda dos Bombeiros; Padre Bonifacio Lamella, director do «Deus e Patria» e presidente do Circulo Catholico; Albino Leite, redactor de «Folha da Mauhá»; Guilherme Guimarães, negociante; Visconde da Fervença, vice-presidente da Camara; Antonio de Azevedo, Augusto Ferreira, correspondente do «Commercio do Porto»; Visconde de Godim; M. Martins d'Azevedo, presidente da Associação das Quatro Artes Civis; Domingos de Figueiredo, representante da Associação dos Empregados de Commercio; o director de *A Fraternidade* e outras pessoas cujos nomes nos foi impossivel tomar nota.

N'esta reunião, resolveu-se fazer manifestações de sentimento ao Brasil, pelo desastre do *Aquidaban*, ficando todos os presentes a constituir uma commissão geral promotora das mesmas manifestações.

O programma

I

Toques de sinos em funeral;

II

As bandeiras de todas as corporações locais, estarão em funeral durante todo o dia;

III

O povo de Barcellos traja-rá de luto;

IV

A's 10 horas começarão as exequias funebres, na igreja matriz, sendo acompanhadas de órgão e vozes; e, no acto, estarão representadas todas as Associações, com suas bandeiras, auctoridades civis e militares.

Estas exequias serão presidi-das por s. ex.^a rev.^{ma} o sr. D. Antonio, Bispo do Porto, fazendo o discurso funebre o distincto orador rev. Chousel.

V

O commercio local terá as suas portas semi cerradas, du-rante o dia;

VI

A's 9 horas da noite, ses-são funebre no theatro Gil Vicente, estando este orna-mentado e onde diversos ora-dores discursarão sobre o de-sastre do *Aquidaban*, mani-festando-se ao mesmo tempo o pesar do povo barcellense pela catastrophe que enlutou o povo brasileiro; e, em segui-da;

VII

Sarau dramatico, litterario e musical no mesmo theatro. Esta manifestação será inicia-da pela banda dos Voluntarios, que tocará o 3.^o acto da opera do maestro brasileiro, Carlos Gomes — *Il Guarany*. Os restantes numeros do sa-rau serão preenchidos com *A ceia dos cardeaes*, poesias, tre-chos musicas e outros traba-lhos dramaticos;

VIII

Será feita a publicação de um numero-unico, intitulado —*Barcellos ao Brasil*—fazen-do-se n'elle a resenha minu-ciosa dos discursos pronuncia-dos na sessão funebre e de todas as outras manifestações realisadas.

Como se vê, pelo program-ma acima, que ainda não é o definitivo, Barcellos, represen-tado pela commissão compos-ta das mais illustres persona-gens d'esta terra e pela im-prensa local, vae hoje dizer ao Brasil que o acompanha na dôr causada pela perda de-sastrosa do seu melhor cou-raçado e de dezesas de mari-nheiros distinctos.

E', por isso, digna dos maio-res louvores, a commissão que a seus hombros tomou o en-cargo d'estas manifestações—mas de mais louvor é ajuda digno o sr. José de Beça e Menezes, pela sua iniciativa e pela fórmula incansavel como se tem empenhado por tor-

nar brilhantes estas manifes-tações.

Nós lhe tecemos esses lou-vores e, no proximo numero, informaremos os nossos leito-res de tudo que hoje se fizer.

A ROSA

A rosa que tu me deste
Conservo-a n'um vaso d'ouro;
E' bella apesar de agreste,
E' um primor; um thesoiro!

Da rosa tenho cuidado
Com attenção e desvelo:
Nem durmo! sempre acordado
Trato d'ella, podes crel-o!

Agua lhe dou crystallina,
Ar e luz vivificante;
Sustem a côr purpúrina
Que tinha no teu mirante.

A rosa que me offertaste
Noto que não tem espinhos...
Foste tu que lh'os cortaste?
São assim os teus carinhos?

Se os espinhos lhe tiraste
P'ra retratar teu amor,
Como o identificaste
Doando-lhe vida de flôr!

Na tua face diviso,
Vejo os assomos do pejo...
Não côres... não é preciso...
Receias te roube um beijo?

Levanta a fronte, louquinha,
Que tens? Escondes o rosto?
Não temas estar sósinha:
Fica em socego... a teu gosto

Amas-me? Tu já sorris?
E' certo que adivinhei!
Agora, o mais, não se diz,
São coisas que só eu sei.

Lucena.

O BALCÃO

Dedicado aos empregados do com-mercio Setubalenses.

O balcão é o estudo mais completo da vida humana.

A elle se chegam as maio-res grandezas, a elle se chegam as maiores desgraças!

Quantos quadros brilhantes, quantos quadros horrosos, não se nos desenrolam durante um dia de trabalho!

Rostos bellos vemos a cada instante! Mas tambem quantas desgraças e quantas lagrimas!

Nós somos novos mas temos um coração; esse coração sente essa alegria assim como sente essas desgraças. Se muitas vezes nos deixamos magnetisar por um sorriso, por um olhar de uma mulher bella, tambem sabemos sentir as desgraças que, envoltas em crepes, nos vêem ter ao balcão, onde os maiores escriptores, os maiores poetas encontrariam a melhor fórmula de estudar a vida humana.

Setubal, 9—2—906.

Sadinho.

A Fraternidade

Para prestarmos a nossa homenagem de sentimento ao Brasil, pela catastrophe do *Aquidaban*, deixamos de publicar o presente numero no dia 28 de fevereiro, publican-do-o hoje—4 de março—dia em que a população portugueza dirige manifestações de luto á nação nossa irmã.

Assim, julgamos ter cum-prido o nosso dever.

Impressões

Não é com o intuito de li-sonjear-me que hoje venho a publico. O meu fim vagueia em um nivel mais elevado, e brilha com clarões phosphorescentes n'uma auréola de esperanças mais altivas.

Não é tambem com a hypocrita ideia de evidenciar-me, não; a minha obra fluctua n'um pensamento mais sincero e arreigado de todas as crenças; prevalece syntheticamente n'um conjuncto de desordenadas convicções.

Não é, enfim, um dever de camaradagem que me instiga a traçar estas singelas linhas; porém faço-o para proclamar bem alto e fazer reboar por este paiz afóra o brado de profunda indignação e contrariedade que de quasi todos os labios é expellido.

Todos nós não devemos reagir, vacillar ás primeiras impressões. Pelo contrario, ellas nos incitam a resistir a todos os embates.

E, inabalaveis, firmes nos devemos conservar!

O ponto culminante que me serve de apoio não é flexivel, não torce, não dobra: antes subjuga e vence! E, coadjuvado por estes elementos, eis-me em campo, combatendo em prol d'uma causa, pugnan-do pelos direitos d'uma classe, cujos direitos são um dever que se impõe á propria consciencia publica e huma-na. E ter direitos adquiridos é uma grande força. Esses direitos não se pedem de chapéu na mão, não se supplicam, não se imploram como uma esmola; exigem-se em nome da moralidade, da gratidão e da justiça.

Deseja-se decretado o *descanso dominical*.—Eis o facto; eis o mathematico problema impossivel de resolver! E' que, para uns, a mathematica falla. Mas só succede isso precisamente n'este paiz onde ha, segundo as ultimas estatisticas, 99 por cento de analphabets! E' relativamente muito pouco, n'um paiz que caminha á vanguarda (?) da civilização!...

Espalha-se a vista por outros paizes e tudo se vê progredir, tudo se vê florescer, Porém, n'este nosso Portugal, os poderes publicos olham para tudo isto com olhares de soslaio e indifferentismo. Uma classe faz as suas reclamações pedindo humildemente o que lhe é justo, e... baldados esforços. Esta série de circumstancias avilta, errita, des-orienta!

De ha bem longo tempo que os jornaes da classe dos empregados do commercio vêem tratando d'este assumpto, inserindo artigos bem sangren-tos contra o modo de pensar do governo da Nação. Mas este a nada se move. Promette...

N'esta expectativa tudo se tem conservado com um lai-vo de esperança e paciencia; hoje tudo isso se escoou. Pois o governo não attende a na-

da; não quer decretos; quer *tabacos*. — Eis a sua cruz; eis o seu calvario!...

Lamentar, de nada vale. E' preciso força de vontade, è preciso união, são precisos muitos sacrificios, muitos traba-lhos. E depois de tudo isso bem condensado, mãos á obra: irromper... desvendar...

A lucta pertinaz, a peleja incessante pelo que é licito é o thema a seguir. A tarefa torna-se ardua e espinhosa, bem sei; todavia recuar d'um intuito, aliás justo, é ser-se essencialmente cobarde; e em um classe onde se destacam os braços mais vigorosos, e em cujos braços gira o sangue da juventude, não pôde nem deve haver cobardia.

Como já disse, não é um dever de camaradagem que me obriga a estas pobres linhas, porque a minha classe é outra, a qual se tem conservado no mais profundo silencio; ainda não fez ecoar por este paiz fóra o grito evangelizador da *Liberdade*; ainda não pôz em evidencia o seu nome. Para esse fim tratam, os meus collegas do Porto, de fundar uma associa-ção denominada: *Federação dos Aspirantes de Pharmacia Portuguezes*. Logo que esta-ja fundada a Sociedade, sairá á luz da publicidade um jornal que defenderá os interes-ses da classe e combaterá algumas disposições de pro-jecto de lei que reforma o exercicio de pharmacia em Portugal.

Por tal iniciativa não posso deixar de exarar, aqui, o meu voto de congratulação aos meus collegas, desejando que as ambições que nos per-passam pela mente sejam co-rodadas de melhor exlto, como d'isso estou convencido.

A minha classe parece despertar d'um somno em que ha seculos jazia. Pois já era tempo de fazer retumbar por paragens longinquas o nome que vivia nas trevas da obscuridade e ignorantismo.

Porém, *plus vant tard que jamais*.

Arcos. Joaquim Lima.

Associação commercial

Em nosso n.^o 9, inserimos um artigo com o titulo acima, demonstrando as vantagens que, para o commercio d'esta terra, adviriam da reorganisa-ção da associação commercial. E hoje, que vemos trabalharem os commercian-tes locais para aquelle fim, não podemos deixar de lhes endereçar o nosso louvor e incital-os a que não desistam da ideia.

A *Fraternidade*, applaudin-do calorosamente esses traba-lhos, declara que as suas co-lumnas estarão sempre ao la-do da associação commercia)e que nunca se negará a publi-car, gratuitamente, quaesquer convites ou outros escriptos que tenham por fim defender os legitimos interesses do commercio.

RUIDOS DO VEZ

III

Sempre escravizado, oprimido, sacrificado, sempre labutando e perseverando na mesma faina, sempre firme ao balcão, ora pesando, ora medindo, sempre debaixo da voz cadina e altareira de seu patrão, sempre envolto n'uma caligem espessa, e sempre com aquelle sorriso de bonhomia nos labios, sempre desfazendo-se em ternas blandicias, finalmente, sempre prompto para tudo, e, não sae do coração d'um patrão uma ordem para,—por espaço de duas horas pelo menos ao cabo de seis dias de trabalho constante, o mandar distrahir, espalhar as fadigas quotidianas, tomar um pouco d'ar, recuperar as suas forças, aviventar o seu espirito, suavisar o seu coração e tranquillisar o seu cerebro.

Não sae, não!... infelizmente, assim vamos passando a nossa mocidade. Não pensam, nem tão pouco se lembram de que já trilharam o mesmo caminho; e, qual a alegria d'elles, quando por obrigação propria, sahiam a qualquer parte que os mandavam!

Oh! era um jardim de felicidades!...

A vida de um pobre e infeliz —caixeiro—, é axiomaticamente a mesma que a d'um encarcerado.

O encarcerado, passa-a n'uma cadeia, no aljube ou n'uma penitenciaria.

O —caixeiro—escravizado dentro de um balcão d'onde só pode sair ao mando de uma voz imperial que o excede.

E' triste ver soffrer assim uma classe inteira; haverá corações que se não compadeçam se não fraternisem e se não empenhem pela justa causa que de ha muito vimos emprehendendo? Não, não pôde haver quem nos queira frustrar; por isso, como a nossa heroica campanha n'unca poderá perecer nem cahir em penumbra, avançar, reclamar, pedir o que é de justiça darem-nos.

A nossa ideia é immarcessivel; e, agora que a lucta está travada,—rapazes—companheiros das mesmas lides, nunca vos esfalteis de, com os vossos fortes pulmões, berrar, ativos, nos periodicos aliados á nossa classe e defensores incansaveis d'ella, *venha o descanso dominical por lei*; nunca, nunca deixeis de perorar impertentemente a desventurada classe a que pertenceis.

Somos caixeiros; portanto, é nosso dever pugarmos e cahirmos em sentido promptos para a lucta.

O descanso dominical ha-de vir.

O governo actual sustenta-se; quer mostrar mais uma vez aonde chega a sua possança.

Não é a celebre questão tabaqueira que o faz cahir inanime por espaço d'alguns annos, não; hade viver e dar-nos o almejado *descanso*, pois que é esta uma das causas que mais depressa deve tratar, para não permanecermos por mais tempo imersos na escravidão.

Por isso, illustres e corajosos confrades, levantemos um viva entusiasta a nós mesmos, pois que a nossa portentosa energia, dará largas a que sejamos attendidos.

Vivamos empregados no commercio!...

Viva a «Fraternidade» e mais jornaes de classe!...

No ultimo numero da «Fraternidade» li um pedido, que ella faz aos seus assignantes e correspondentes, para lhes indicar por um postal o titulo e a sede das redacções dos jornaes que se publicam nas respectivas localidades, para poderem enviar a circular peticionando o apoio da imprensa aos trabalhos que, para a obtenção por lei, ella vae iniciar.

Eu, na qualidade de correspondente da «Fraternidade» e apologista da nossa justa causa, cumpre-me dizer-lhes que n'esta localidade ha as seguintes redacções:

A do «Noticias dos Arcos» «O Arcoense» «Correio dos Arcos» e «Echos do Vez» todas com a sede n'esta villa.

Arcos, 41.

Magalhães Junior.

NA POVOA DE VARZIM

O encerramento das mercearias

Povoa de Varzim, 23.

A nova direcção da Associação dos Empregados de Commercio da Povoia de Varzim, no intuito de se desempenhar cabalmente da sua missão e de proporcionar á classe que representa algumas horas de regalias, acaba de dar um passo que, a ser levado ávante, muito deve contribuir para que a sua gerencia fique assignalada nas paginas da nossa collectividade.

Referimo-nos, como o titulo d'esta correspondencia indica, ao encerramento das mercearias durante algumas horas das tardes aos domingos.

Nesse intuito já na sua ultima sessão tratou d'este assumpto e, depois de devidamente apreciados varios alittres sobre a maneira como deviam ser iniciados esses trabalhos, ficou resolvido officiar-se á Associação Commercial solicitando o seu incondicional apoio e pedindo ao mesmo tempo para mandar reunir a commissão de vigilancia composta de alguns dignissimos commerciantes de mercearia, para esta dar o seu parecer sobre a fórma como devia ser regulado o encerramento e obsequiar a direcção da nossa associação acompanhando-a nos seus trabalhos.

Sabemos que esse officio já foi enviado. Abstemo-nos de aqui o publicar, visto a «Fraternidade» luctar com falta de espaço.

A Associação Commercial ainda não respondeu a esse pedido, mas, por informações particulares que pudemos colher, sabemos que essa respeitavel associação está, como sempre esteve, ao lado dos caixei-

ros e nas melhores disposições de nos auxiliar, no que estiver ao seu alcance, para o bom exito d'esse «desideratum».

Nem outra cousa era de esperar do cavalheirismo dos seus membros que, sendo agora patrões, já exerceram a profissão de empregados do commercio, e, como tal, sabem o quanto é doloroso trabalhar-se um dia, outro dia, um mez, outro mez, um anno, outro anno, sem descanso, sem liberdade.

Justo é tambem que aqui deixemos consignado o nosso mais profundo reconhecimento ao acreditado commerciante de mercearia sr. Antonio Gonçalves Linhares, que, com o trato affavel que todos lhe conhecem, recebeu uma commissão de caixeiros que lhe foi pedir o seu parecer, collocando-se o sr. Linhares incondicionalmente a nosso lado e louvando a nossa iniciativa.

Quando se tratou do encerramento dos estabelecimentos de fazendas foi ainda o sr. Linhares e o sr. Antonio dos Santos Graça, tambem um verdadeiro amigo da nossa classe, que trabalharam para levar a bom termo a iniciativa da então direcção da nossa associação.

São, pois, esses respeitaveis commerciantes dois apostolos do descanso dominical.

Se todos assim procedessem desnecessario seria andarmos a pedir, como os mendigos pedem uma esmola, aquillo que de direito nos pertence — A LIBERDADE!

No proximo numero d'este brioso quinzenario diremos dos trabalhos do encerramento, que cremos ser satisfatorios.

— Um grupo de empregados do commercio anda promovendo uma subscripção cujo producto se destina á compra de um bilhar que será offerecido á nossa associação de classe.

Sabemos que essa ideia tem sido muito bem acolhida e coroada de bom exito.

Os promotores d'essa iniciativa só merecem louvores por esta prova do acrisolado amor que devotam á collectividade que defende as suas regalias.

— Passou no dia 16 do corrente o anniversario da menina Maria das Dôres, prendada filhinha do sr. José Eduardo Pinheiro, acreditado commerciante e assignante d'este jornal.

— Realizou-se hontem na parochial igreja de Beiriz, d'este concelho, o consorcio do nosso sympathico amigo e collega sr. Alvaro Ribeiro Pontes, com a sr^a D. Rosa Silva, prendada menina d'esta localidade.

Aos nubentes desejamos uma prolongada lua de mel e as maiores felicidades, do que são pignos.

— Acaba de assumir o cargo de correspondente, n'esta praia, do conceituado semanario da nossa classe «A Luz do Commercio» o nosso presadissimo amigo e collega sr. Avelino Rodrigues da Silva.

Felicitemos a redacção d'aquelle brilhante semanario pela escolha que fez, pois que, estamos certos, Avelino Silva saberá pela sua illustração e boa vontade, desempenhar-se proficientemente d'esse cargo.

A' ultima hora

Somos informados particularmente de que a commissão de vigilancia de mercearia, resolveu favoravelmente o pedido da Associação dos Empregados do Commercio d'esta villa, com respeito ao encerramento, e em condições muito vantajosas para os nossos collegas.

Grande regosijo.

Informaremos.

Frasco Junior.

Associação E. C. da Povoia de Varzim

Assumiram ha dias o cargo de presidente e thesoureiro da Associação dos Empregados do Commercio da Povoia de Varzim os srs. Antonio Baptista Gomes Ferreira e João Pereira de Campos.

Não é a primeira vez que estes nossos presados collegas desempenham esse cargo, pois que já o fizeram em 1904 e foram dos fundadores d'aquella sympathica collectividade.

A prova da fórma recta como sempre a souberam dirigir e a muita illustração que sempre presidiu, n'esse tempo, aos destinos d'aquella associação, está na confiança que os caixeiros povoenses acabam de, mais uma vez, depositar em Antonio Ferreira e João Campos.

E', pois, por esse motivo que felicitamos a Associação dos Empregados do Commercio da Povoia de Varzim pela sua acertada escolha.

A Antonio Ferreira e João Campos abraçamos muito effusivamente.

Sem resposta

Não respondemos ás *Farpas* do sr. Apo, insertas no n.º 309 de *A Voz do Caixeiro*, porque não devemos dar importancias aos latidos de quem parece querer provocar-nos a uma contenda, e mesmo porque entendemos occupar o espaço das nossas columnas com cousas que mais interesse dêem ao leitor.

Pôde, por isso, o sr. Apo dizer tudo quanto entenda, porque nós não damos a minima importancia ás suas provocações. Demais nós temos a convicção de que nem um apice nos temos arredado do cumprimento do nosso dever jornalístico. Pôde, o *homem das Farpas* latir á vontade, porque os sons das suas vozes... não chegam até cá.

Estar só...

—Com quem estudas agora, que todas as manhãs te oiço cá de casa?

—Com ninguem. Canto e acompanho-me...

—Pois, minha filha, descobriste uma coisa que contraria a sabedoria das nações...

O que foi?

—Estar só... e mal acompanhada.

A ESTRELLA AMOROSA

Havia no céu uma estrella das mais formosas, que tinha o habito de olhar, debruçada lá do alto, para a terra longinqua. Muitas vezes as outras a avisaram que tivesse cuidado para que a vertigem da altura a não aturdisse e a precipitasse no espaço. Mas ella sorria e olhava, olhava noites inteiras para a terra. E' que a prendia um ponto fixo e brilhante — uma luzinha no cimo d'uma montanha.

Vivia ali um pastor que, d'entre todas, só essa estrella o encantava. E namorando-a cá de baixo, cantava-lhe coisas de entontecer, que com o incenso das flores silvestres subiam até á estrella adorada. Ella scismava, scismava, e uma noite, não podendo por mais tempo resistir aos impulsos do coração, fechou os olhos para não vêr o abysmo e deixou-se rolar pelas nuvens até á terra.

O pastor, encantado com tão linda princeza astral, beijava-lhe, radioso e amante, a auréola da fronte. Mas a estrella, com saudades do céu, uma noite em que o pastor dormia profundamente na sua cabana, abriu as azas e voltou ao sitio d'onde veio. Lá em cima, inquieta sempre, sempre angustiada pela lembrança do seu pastor, desatou a chorar, a chorar pela immensidade do firmamento, e as suas lagrimas são as que, caíndo no mundo, brilham nas flores como diamantes ephêmeros nas manhas bemditas.

Correspondencias

Arcos, 23

(Particular)

Não deixou de, um tanto, me não surprehender a correspondencia inserta na «Fraternidade», n.º 24, de 15 de janeiro findo, da qual é auctor o correspondente, d'esta villa, para a mesma, o sr. Magalhães Junior.

Em face do exposto hei por bem fazer algumas referencias á alludida correspondencia.

Acho de todo louvavel que o sr. Magalhães Junior ellucidasse o seu collega de Ponte do Lima, do que se passava com relação ao encerramento das lojas de commercio d'esta villa; acho, repito, muitissimo bem que o informasse do que com verdade se passava; porém o que me indigna e revolta, é por fazer excepções na menção dos commerciantes que deixaram de cumprir o que, realmente, haviam assignado.

Não tomo a defeza dos dois commerciantes a que na mesma se referiu; não! corto apenas pela razão e nada mais.

Este procedimento, sabemol-o physicamente, é irregularissimo, vil e detestavel, pois que faltaram assim á sua palavra d'honra e assignatura em que se achavam escravizados.

Mas por que razão o sr. Magalhães Junior frisou apenas os dois alludidos commerciantes,

dizendo serem elles os iniciadores da falta de compromisso? E' por lhes conservar odio, não é verdade?

Pois creia que se collocaria em melhor posição, se apenas dissesse a expressão da verdade; melhor figura faria se banisse, em actos d'estes, o rancor que, sobre elles, alimenta.

Parece-me que não lhe será desconhecido que o primeiro, (quando devia ser o ultimo) que deixou de encerrar o seu estabelecimento, foi o proprietario do Centro Commercial.

Sim, aquelle que embora tivesse de arrostar com difficuldades bastantes, isto é, conservar encerrado o seu estabelecimento, ainda que os outros se conservassem abertos, para assim dar o bom exemplo aos seus collegas, e que, sendo elle a base fundamental do encerramento, foi o primeiro que a tudo se tornou refractario:—Aquelle que primeiro levantou ou concorreu para que a primeira pedra fosse levantada, foi o primeiro a desmoralizar-a:—Aquelle que mais esforços empregou para que esse sublime ideal fosse levado a cabo, foi o primeiro (parece que uma maldita nuvem negra o vendou) a concorrer para que tudo jazesse na paz do esquecimento, e que tudo passasse á ordem dos factos consummados:—Aquelle que devia fazer por conservar as ovelhas juntas, pois que era elle o pastor, o guia, em summa o Presidente do Centro Recreativo dos Empregados no Commercio (de saudosissima memoria) foi o primeiro a fustigal-as.

Isto é revoltante, indigno, asqueroso!

Mas o sr. Magalhães Junior d'elle não se lembrou. Não se dignou incluí-lo com os dois commerciantes acima referidos.

Ignoramos por completo os motivos que o levaram a proceder d'essa fórma.

Talvez lhe tivesse caído em graça.

Para que lhe occultou tambem o nome? Porque não lhe conserva odio, não é verdade? Será muito bom esse modo de pensar, mas eu não acho.

Ser-lhe-ha isto desconhecido? Não são justas estas referencias que faço?

Parece que ha-de dar-me razão.

Não faço isto para o melindrar, mas sim apenas para o ellucidar, tal qual o fez ao sr. Almendra, de Ponte do Lima.

Aqui nos Arcos, não, porque todos estão ao par do que se passou; mas pessoas de fóra que, por completo, tudo isto desconhecem, com certeza que, quando lêssem a sua correspondencia, lhe dariam crédito, e então os odios, pelo menos da classe commercial, com certeza recairiam nos dois commerciantes de ferragens (aliás culpados tambem) e o desmoralizador d'essa importantissima obra, restaria impune, quando a elle, como todos o sabem, cabem as responsabilidades.

Desejaria muito alongar-me, por mais um pouquinho, porém como o vagar me escasseia, findo por aqui.

Isto, repito, sem vislumbres de melindre; apenas elucidal-o, vis-

to que ao tempo ainda não pertencia á nobre e prestantissima classe, aliás desventurada, a que tenho a honra de pertencer.

Au revoir.

Marquez de Chaviães.

(Em brochura)

Arcos, 24

(Particular)

Fallecimento

Trouxe-me o correio, a infausta noticia de haver fallecido no Pará (Brasil) o sr. Francisco Antonio Cerqueira Junior, filho do ex.^{mo} sr. Antonio José Cerqueira e cunhado do meu particular amigo o ex.^{mo} sr. Antonio José Rodrigues, muito digno recebedor proposto, actualmente 2.º commandante do corpo activo dos bombeiros voluntarios d'esta villa e socio honorario da associação dos bombeiros da villa de Barcellos.

O inditoso moço contava apenas 24 annos d'idade e era bem-quisto, aqui, geralmente, pela affabilidade de tracto que a todos dispensava, devido á esmerada educação que de seus bons paes recebeu.

A toda a familia enojada, a expressão sincera do meu pesar por vêr que do seio da familia, do lar paterno, foi roubado um ente querido que se chama filho e irmão e que foi, ufano-me de o dizer, meu preadissimo amigo.

Celebrou-se na parochial igreja de S. Paio da villa, uma missa, na terça feira ultima, suffragando a alma do saudoso extinto, á qual assistia não só a familia mas tambem pessoas da mais alta posição social bem como meio corpo activo dos Bombeiros Voluntarios d'esta villa, devidamente uniformizados, commandado por um primeiro patrão, de que é muito digno 2.º commandante do mesmo corpo, o cunhado do extinto ex.^{mo} sr. Antonio José Rodrigues.

Lamento que esta noticia não houvesse já sido dada pelo correspondente d'esta villa, visto que o finado era tambem empregado commercial e que esforços bastantes empregou quando se tratava do encerramento.

Veja mais um pouquinho sr. Magalhães Junior.

Visto que o ex.^{mo} sr. Antonio José Rodrigues, foi um grande propugnador dos interesses da classe commercial, e que diversas obras offereceu para a Bibliotheca do Centro Recreativo, darei para o proximo numero, visto agora ter bastantes occu-

pações, alguns traços biographicos a seu respeito.

Vieira da Silva.

Lamego, 24

Reuniram no dia 11 do corrente, pelas 7 horas da noite, em casa do sr. Francisco Stanislaupinto de Carvalho, muito digno presidente d'associação Commercial d'esta cidade, todos os empregados no commercio, afim de ser nomeada a commissão do descanso dominical em Lamego, ficando assim organizada:

Presidente—sr. Antonio Stanislaupinto de Carvalho; secretarios collegas — Luciano da Fonseca, e Manoel da Silva Matheus; vogaes—Joaquim de Magalhães, Manoel Joaquim David Guerra, Gailherme Joaquim Vieira, José da Silva Matheus, e Herculano da Silva Santos (thezoureiro).

Achando-se n'esta reunião a maioria dos empregados do commercio o sr. presidente propoz que se devia offerecer uma bandeira á Associação Commercial ou um outro qualquer objecto que estivesse ao alcance de todos os collegas.

Todos os empregados se levantaram e disseram que acceitavam de bom grado a proposta do sr. presidente, mas que se devia offerecer a bandeira em lugar de outro objecto.

Depois de aprovado este acto estiveram ainda em discussão os collegas João Rodrigues Costena e José da Silva Matheus, afim de saberem se a bandeira era offerecida antes de se obter o encerramento ou depois, o que todos approvaram que se devia offerecer depois do encerramento, para lhe manifestarmos o nosso reconhecimento.

Por fim o sr. presidente propoz, caso nos seja concedido o encerramento aos domingos, que se nomearia uma commissão para ir ter com o dignissimo prelado d'esta diocese para que elle fizesse ver a todos os parochos que estivessem debaixo do seu dominio, que em Lamego aos domingos das 3 horas em diante se encerrava todo commercio, e para que os mesmos o divulgassem por todas as suas freguezias.

—Diz o collega da Regoa na «Luz do Commercio» de 18, que já tinha sido conseguido em Lamego o descanso dominical.

Pois acha-se o collega mal informado. Trabalhamos corajosamente para esse fim desejado, do que temos muito boas esperanças.

Do que se passar informarei. Até breve. Onalucre.

“A FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex.^{mo} J.ⁿⁱ